



O laboratório do Hospital Universitário, que normalmente atende em média 300 pessoas por dia, com a greve quase não registra movimento

ALERTA. Hospital Universitário também teve atendimentos afetados

ÁREA DE SAÚDE SENTE REFLEXOS NEGATIVOS

Banco de sangue da unidade está com estoque quase zerado

FÁTIMA ALMEIDA
REPÓRTER

Há alunos que cansaram de esperar e enveredaram para outros cursos, em faculdades particulares. No segundo ano do curso de História, e já um tanto desestimulado a continuar, Carlos Emmanuel Lima aproveitou a greve como a gota d'água que faltava e, no meio ano, prestou vestibular para o curso de Direito em uma faculdade particular. Foi aprovado, está cursando e já decidiu: mesmo que a greve acabe agora, vai seguir o novo rumo.

A estudante Ana Priscila fez o mesmo, mas não pretende abandonar o curso de Relações Públicas na Ufal. "Quando a greve acabar, vou tentar levar os dois adiante", diz ela.

Para os estudantes do curso de Física Luciano Junior e Luan Ricardo, a greve não fez diferença na decisão de continuar. "Estou fazendo o que gosto e vou esperar a greve acabar para continuar até concluir", diz Luciano, que continua frequentando a universidade no período da greve, cumprindo as atribuições de bolsista. O resto do tempo livre ele está aproveitando para estudar pa-



Troca

Por causa da greve, muitos estudantes da Ufal preferiram prestar vestibular em outras faculdades

ra concurso. Luan também fez o mesmo e diz que ainda conseguiu atualizar os conhecimentos em algumas disciplinas em que estava com dificuldades.

PREJUÍZO NA SAÚDE

E o que é que a população tem a ver com a greve? Tudo. Um dos principais reflexos está exatamente numa área de maior demanda, que é a assistência à saúde, já que o Hospital Universitário (HU) é uma das referências de atendimento público em diversas áreas. Boa parte desses serviços, no entanto, foi reduzida e até suspensa em função da greve.

Na última quarta-feira, encontramos o aposentado Francisco Simões, que veio de Murici para marcar um exame de endoscopia. "Eles mandaram eu voltar no dia 31", disse ele. No laboratório, as cadeiras e o balcão de atendimento estavam praticamente vazios. "Geralmente temos por aqui cerca de 300 pessoas por dia", diz um das atendentes.

O banco de sangue com estoque em baixa também dá um sinal de alarme. No dia que estivemos lá, havia prateleiras vazias e não tinha sequer uma bolsa de sangue do tipo A+ e nenhuma do tipo B.

"Há períodos em que a doação fica em baixa. Mas há também a situação da paralisação, que agrava", diz a técnica do setor, Éri-

ca Lessa.

De acordo com a assessora de comunicação do HU, por causa da greve, a coleta de sangue estaria reduzida a uma escala de dois dias por semana, mas, em função da baixa no estoque, segundo Érica, qualquer pessoa que chegue para doar, pode fazê-lo.

"Não dá para ficar sem estoque de sangue, porque dependemos disso para vários procedimentos, principalmente os cirúrgicos", diz o hematologista Luiz de Souza Junior, confirmando que o estoque do HU atingiu um nível crítico esta semana. Ele reconhece que há uma parceria com outras unidades de saúde, de forma que uma pode recorrer a outra numa situação de emergência, mas destaca a importância de cada uma manter seu estoque com todos os tipos sanguíneos.

No setor de nefrologia do hospital, todos os procedimentos foram suspensos em função da greve. Apenas a hemodiálise está funcionando, assim mesmo com dificuldades apontadas pelos pacientes, e que também são pauta dos servidores, quando reclamam das condições de trabalho. "As máquinas estão quebrando e os pacientes estão sob risco de serem transferidos para outras unidades", denuncia a paciente Lívia Araújo, que faz hemodiálise há quatro anos no HU. ☉



LUIZ DE SOUZA JUNIOR

HEMATOLOGISTA

"Não dá para ficar sem estoque de sangue, porque dependemos disso para vários procedimentos, principalmente os cirúrgicos"